DO PSICOSSOMA AO ARQUITEXTO: UM BREVE COMENTÁRIO

Estevan de Negreiros Ketzner

“DO AZUL que ainda busca seu rosto, sou o primeiro a beber.
Vejo e bebo de teu rastro:
Deslizas pelos meus dedos, pérola, e cresces!
Cresces como todos os esquecidos.
Deslizas: o granizo negro da melancolia
Cai num lenço, todo branco pelo aceno de despedida.”
(Paul Celan)

Entranhamento com a questão do psicossoma, uma vez esta tão cara a psicanálise, o horizonte mesmo das ciências humanas não o pode deixá-lo excluído pela transposição da letra sentida ao sentido da letra¹. Assim também o fez uma psicanálise de ascendência lacaniana ao formalizar a compreensão dos significantes sobre o significado, a força do finito sobre o infinito: “direi sobre forma de quantidade finita – a elaboração conceitual que se chama o inconsciente” (LACAN, 1964/2008, p. 27). Se significar torna-se muito difícil para esta abordagem – porque não dolorido demais para buscar um sentido final, à beira de um julgamento de forças discrepantes – então, o pensamento só pode fazê-lo de forma incipiente, como uma leitura do texto do outro, como ao visitar um arquitexto. “Ela era aquilo que, mais de perto, ameaçava o desejo da fala viva, daquilo que do dentro e desde seu começo, encetava-a. E a diferença, nós o experimentaremos progressivamente, não é pensada sem o rastro.” (DERRIDA, 1967/2006, p. 69). Com isso uma aclamada demonstração de escuta não pode deixar de fora o sentido corrente de um signo universal, menos ainda de uma linguagem utilitária que faça do pensamento uma transposição de conteúdos de um nível para outro. É no afeto que esse transpasso entre o dentro e o fora da linguagem precisa ser pensada e não tomada à força. Afetar – aqui como verbo – é buscar dar mostras dessa imagem às vezes fria e distante de nós mesmos. Cabe aqui a definição de Spinoza: “Por afeto compreendo as

¹ Com esse termo tento dar uma perspectiva teórica acerca do conflito estabelecido entre mente e corpo. A questão exposta diz respeito a como nos colocamos diante do outro e de como o outro fala de si por ser escutado, o que torna tanto o escutar como o falar um conflito na zona da comunicação, uma vez que dar e receber depende do interesse de dar e do interesse de receber o que seria em termos desejados o mais genuíno. A psicanalista inglesa, Joyce McDougall (1989/1996, p. 1) expõe suas descobertas na clínica e o estranhamento com as conversões de conteúdos psíquicos em corporais: “Estas criações psíquicas me pareciam estranhas e foi preciso que eu me deixasse guiar por meus analisandos em todos os meandros de sua história psicosssexual até a pré-história, na qual as palavras tem menos importância que as percepções olfativas, táteis, visuais e auditivas, para ouvir enfim a ligação entre sofrimento, angústia e prazer”. A busca do corpo como o espaço de reinvenção da arte, de tudo aquilo que ultrapassa a letra e no modo como os afetos daí se desprendem é a relevância desse trabalho. Entretanto, não podemos assim pensar se não tivermos em mira que o corpo está em relação com a mente e que na cultura ocidental, principalmente devido ao cógito cartesiano, o corpo foi relegado a mera empiria e assim esquecido por estar mais distante da substância.

afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (1677/2008, p. 163) Isso é por certo uma definição que para ser examinada nos pormenores deve-se relevar a possibilidade de relacionamentos entre a mente e o corpo na formação de um domínio singular, como o próprio filósofo explicita enquanto incomensurabilidade do corpo e não apenas do pensamento na busca de um entendimento da substância. Apesar do domínio de pensamento spinoziano estar mantido em um binarismo que inclui o movimento e o repouso enquanto conceitualizações da geometria, assim como ele apresenta em sua *épura*, o filósofo já apresenta que esses domínios são em um momento imanentes antes de se tornarem excludentes. A possibilidade de geração de movimento não se restringe a uma física dos corpos, mas sim a uma substância que podemos conceituar como as paixões, de difícil tomada de conhecimento, seja de base empírica ou racional. Não será esse o desafio que o filósofo holandês nos incita ao fazer da relação corpo e mente, uma nova particularidade para o pensar?

Assim, são as memórias como a associação livre, mas por vezes tão complexa ao nosso gosto estruturado estruturalista estruturante, quando se desprendem de uma lei de causação universal. O que certamente Freud (1917 [1916-1917]/1974) faz questão de explicitar é a existência de um núcleo recalado, isto é, de opressão na *psique*, ao evitar a chegada à consciência o que sempre tomáramos como impeditivo ao lidarmos com um determinado conflito insuportável. O que para a filosofia sempre foi a dita *porta dos fundos*, onde “uma língua poderia ser o lugar de guarida de algo proibido” (STEIN, 1997, p. 161). Freud traz como questão a ser elaborada no âmago de nossas emoções mais profundas, o que a poética parece sempre querer dizer sem o saber. “O recalque da escritura como aquilo que ameaça a presença e o domínio da ausência”, como expõe Derrida (1967/2002, p. 180).

É aí que podemos ver a tentativa de uma escritura que deixa rastros. Derrida se baseia no trabalho de Freud *Uma Nota sobre o Bloco Mágico*, de 1925, em que o movimento de compreensão da memória dentro do interior do homem, para a formação do significante enquanto uma particularidade em que a dor desconhecida é matéria fenomênica para a inscrição do psíquico. “A folha se preenche com escrita, nela não há lugar para quaisquer outras notas e me vejo obrigado a por em uso outra folha na qual não se tenha escrito” (FREUD, 1925/1974, p. 285). O trabalho do inconsciente é questionado aos perceptos por não possuírem traços registrados, mas que na angústia fazem surgir de seu excedente outra folha a ser comprimida, escrita em outra superfície. A consciência parece surgir daí, advinda desse sistema perceptual, mas não do lugar onde os traços permanecem na escrita, isto é, naquela

parte da mente que retém as memórias, não pelo que elas são, mas pela *impressão*. Interessante e inexplicável, pois a percepção desse mecanismo aparece em um aparelho chamado *Bloco Mágico* em que se vê o que foi retido na superfície por uma folha de papel, mas a cera derretida, por ser mais profunda, é a superfície retentora de traços indistinguíveis pelo aparato da consciência.

“Não precisamos nos perturbar pelo fato de não se utilizar, no Bloco Mágico, dos traços permanentes das notas recebidas; basta que elas estejam presentes” (ibid., p. 289). Assim, esse processo de percepção que esteve no princípio se torna indistinguível quando se tenta ver na cera, a camada mais profunda, seu surgimento enquanto arquiprocessos. Seria então a memória uma parte que necessariamente precisamos esquecer? Seria esse o mesmo trauma da escritura que precisa esquecer de si para poder saber onde está, o que faz, com quem pensa, ocupando um lugar. “Diferir não pode portanto significar atrasar um possível presente, adiar um ato, suspender uma percepção já e agora possíveis” (DERRIDA, 1967/2002, p. 188). O ato de diferir não posterga, antes passa pela tentativa de dar à diferença sua errância – dar uma *diferença*² –, diferença na diferença, também ao erro que erra, nisto reside a importância fenomênica em que dizer do ser passaria a ser, marca que anula o mito em torno da escritura e lhe dá suporte ao enquadramento da existência. “É por isso que se deve entender ‘originário’ sob rasura, sem o que derivaríamos a *diferença* de uma origem plena. É a não origem que é originária” (ibid.). Para tanto a resposta filosófica dessa sustentação do pensamento nos leva impreterivelmente ao silêncio, aos pontos em branco que se tornaram rasurados e que no dever de serem compreendidos pela mente perdem sua interpretação e ganham sua decifração, eis o novo desafio da escritura.

Desespero de não saber o que dizer. Medo de chegar perto demais, das falhas dos discursos superficiais que invadem o texto. Como fazer diferente? Como deixar as imitações gastas de lado? Como ser alguém com propriedade? Como *assinar* um texto? Talvez não aprendamos como fazer, mas sim pensar no enquanto fazemos, e aí revela-se carência de obra. Obra que parece sempre ser o que os outros tentam insistentemente colocar na figura de uma *episteme* plena de significado, jogado para os outros assistirem na imanência de uma catarse, desprendimento das rasuras alucinatórias dos seres humanos. Nesse puro conflito do projetar-se está a medida do homem animal simbólico.

A psicanálise para Derrida (ibid.) não é capaz de deixar-se conter em um pensamento metafísico e logocêntrico, tendo em vista que o universo simbólico de cada ser no mundo é a

² Conforme tradução sugerida por Anamaria Skinner em Geoffrey Bennington (1996).

própria singularidade descentrada da origem. Talvez daí recaia em Freud a importância de recorrer, em direção da questão metodológica à linguagem enquanto *phoné* para extrair dela o que não pode ser aí habitado se não no instante em que aparece e na intensidade de uma fala para o outro, cujo significado surge como revelação. Este método contraditório, excelente para ilustrar essa errância da escritura, possibilita à palavra sua vida, mas não sua totalidade. E no caso de um engano deve haver aí a disposição para um outro lugar, para alguma clareza acerca de nossa incompreensão, caso contrário nosso engano nos levará a alienação de toda a palavra e de toda a circunstância que nos permita compreender essa marca na diferença, então tornada *diferensa*. Creio ser daí que a escritura se inicia no trabalho de pensamento entre rastros de linguagem.

De que vida se está falando até aqui? Um certo fracasso de um pertencimento, da passagem de uma experiência, logo diante da existência, do olhar para a obra e se abismar com a vida. Parece que os mecanismos psíquicos que se gostaria de saber e conter, explicar e dizer, para transformar, acabam sendo relegados a um fim, no sentido de nossa mundaneidade, um olhar para dentro de um outro discurso, pois no desejo quer ter sustentação e uma escritura finda ao infinito, como ao deitar no divã explorando o desconhecido na tensão de um real que criamos dentro de nós. Essa dor ao desabrigo de tudo, mundo-silêncio-dor, acaba por erigir o resgate de encontro à sua origem e saber que esta não está ao seu alcance, impotência do saber em que “a topologia de todas as divisões interna / externa que estruturam esse sujeito e fazem dali um lugar de arquivo em relação ao qual nenhuma objetivação é pura, nem na verdade rigorosamente possível, isto é, completa e terminável” (DERRIDA, 1995/2001, p. 72).

O tema do autêntico é extremamente importante para Freud, tendo em vista as raízes do método psicanalítico, buscando a distinção entre uma obra verdadeira de outra falsa, como ele explicita em *O Moisés de Michelangelo*. O que denuncia a falsidade de uma obra a ponto dela poder ser copiada? Certamente, não podemos deixar de pensar essa busca como um pertencimento e um reconhecimento de tentativas muito sutis no resgate da experiência perdida do homem moderno. No caso do psicanalista havia o encontro com o Moisés de Michelangelo, as intenções do artista e a questão intelectual que o reclinaram a tecer uma interpretação, criar um método como fez Morelli, famoso desmascarador de copistas, observando os aspectos menosprezados pelos outros críticos de seu tempo. A arte dos detalhes é de interesse psicanalítico, assim como é do interesse da psicanálise um gesto que desperta a observação, seja qual for pertinente a entrada do conflito na onipotência do eu. É o gesto de interpretar a partir de uma abertura de sentidos, ainda apresentando a dificuldade de extrair do

objeto somente uma postura, parcial apesar de todo o esforço de concentração ao movimento de se exteriorizar. Serve para o interesse da psicanálise, mas incluso aí um interesse para sair da esteira vaga das adivinhações, elevando esse sentido ao sintoma, relação entre a afecção mórbida, a doença, e esse estranhamento do corpo do outro, esse outro que por vezes desconheço. “O exemplo mais comum e cotidiano da ação da mente sobre o corpo, que pode ser visto em todos, é oferecido pelo que se conhece como ‘expressão das emoções’” (FREUD, 1905/1974, p. 300)³. Com isto o pai da psicanálise funda um horizonte epistemológico desconhecido da medicina de sua época e acessível através da tentativa de dar forma interpretativa, isto é, buscando um espaço para o corpo, diante do funcionamento mental. É isso também aquilo que penso ter atraído a atenção de Freud ao fantástico método de Morelli: “há pormenores que até aqui não apenas escaparam à observação mas, na realidade, nem mesmo foram corretamente descritos” (FREUD, 1914/1974, p. 265).

Freud criador de uma narrativa ficcional sobre o primado da mente? Detalhe importante de ressaltar: possuirá ficção a tentativa de extrair algum sentido das contingências cotidianas? Podemos nos perguntar o que esta citação possui de fato sobre a obra (o trabalho manual) de Michelangelo e teremos como resposta um texto, um evento diante do mundo, tentativa de dizer algo do mundo de um determinado jeito. Um ato simbólico dizendo algo a partir de uma experiência, um contato mesmo que imaginário com uma atmosfera lúdica, no caso citado, a obra de Michelangelo. Um corte tão profundo no silêncio que constitui o *arché*, aquele da constituição dos seres, a que deixa marcas, pois na sua tentativa de determinação ôntica, pela descrição afetiva sobre Moisés, deixa escapar a expressividade de uma verdade fundacional isenta de vestígios. Freud introduz nessa análise um outro olhar sobre a obra de arte, buscando a descrição mais próxima de uma razão concatenada com o corporar, tentativa feita nos moldes da narrativa, em dar lugar para a incompletude de uma obra, traçar-lhe os pontos de aproximação e destituição através do corpo de Moisés. Eis a linguagem que a psicanálise explora no novo alvorecer do homem em fins do século XIX: crítica a tradição do humanismo instrumental, galgada no *logos* da espacialidade finita, recaindo com ímpeto na formulação de um código. Prescrição do significante ou da presença destituída de sua intensidade. O mundo onírico, dos sonhos, não pode senão ser este lugar de incertezas, de sustos e temores expressados como imagens mentais corporificadas como enxertos à dita

³ Esse texto, vale lembrar, foi escrito enquanto o autor trabalhava à luz das experiências de Charcot na Salpêtrière, sob o primado das hipnoses. Contudo, ressalto a importância aqui, pois foi em movimentos anteriores ao nível verbalizado da linguagem que Freud pode constatar a proeminência dos estados afetivos sob os comportamentos.

consciência. Na alucinação do sonho, lugar da produção de diferenças entre o corpo conhecido idealmente e o desconhecido corpo do outro, modo de poder encontrar o outro fora de si, essa parece na sua própria fração de corpo com o deslocamento do sonho, outro modo de colocar a razão na incerteza do impulso afetivo.

Para Freud a realidade do sonho é mais real que a realidade do homem desperto. Sua noção de inconsciente parece confirmá-la, dada a força e clareza do sentir que se estabelece no corporar do sonho: “modificar nossa inferência a respeito de nós mesmos e dizer que o que está provado não é a existência de uma segunda consciência em nós, mas existência de atos psíquicos que carecem de consciência” (FREUD, 1915/1974, p. 196). Seria essa uma pequena ficção denotada pela teoria? O homem reclinado sobre esse inconstante jogo do saber/não-saber, indagando racionalmente, mas sentindo algo indispensável para nós. Homem cujo olhar ainda tem algo a compartilhar cheio de vida, acaba esquecendo que não tem certeza do que faz. Certeza mesmo, essa que vem do saber como certitude e finitude, essa é a dúvida que a palavra expõe quando expressa por uma letra sem corpo, e não aqui como corpo da letra, parece mais ainda denunciar.

Também não é bem aqui que a escrita pode denunciar seu desamparo? Não como uma análise ditosa de um caso clínico, mas como a própria dúvida que desperta naquele que escreve de, realmente, poder saber qual é a sua origem? Quanto mais obsedante pelo enfrentamento racional de algo desconhecido, mais as vivências se perdem e um método único toma frente. A escritura exige espera para chegar ao outro. É como olhar e não ver, sentir que não há o que fazer a respeito. Angústia mais uma vez. É o tempo que posterga, faz diferir o que não tem diferença alguma ainda, muda a tônica e realça o desconhecimento sobre o que é em sua acepção ontológica.

Parece ressoar aí essa escrita desconhecida por nós que um poema faz clamar com toda a força ao adentrar nas camadas mais subjacentes. Eis a denúncia da superfície da linguagem como suplemento da fala viva. A mente sobre o corpo sempre dá esse tom de sinal a ser desvendado, desvendado na verdade, atributo que o pensamento se reveste de superficialidade para achar facilmente uma resposta. Para a resposta, da mesma forma a escrita, já massacrada de respostas vagas e ideologias vãs, ou em uma filosofia dicotomizada com o ser humano. É como crer que na outra fala da escritura, a fala consciente, a esperança de mudar nosso sentido jamais fosse habitada por intenções, completamente neutra. “Há uma violência originária da escritura porque a linguagem é primeiramente, num sentido que se desvelará progressivamente, escrita. A ‘usurpação’ começou desde sempre. O sentido do bom direito aparece num efeito mitológico de retorno” (DERRIDA, 1967/2006, p. 45). Erro

comum sempre fazendo crer que a escrita é menos que a vida, pois a representa, mas não é ela que tenta causar feridas no âmago da vida humana para nos situar diante de nossos atos mais internos? Não é lendo que suspeitamos da aparência vistosa de nossas sensações? Essa parece ser a importância da escritura mais próxima dos gestos humanos, não da origem, mas aquela do atingir o ser humano, múltipla na sua forma de manifestação. Assim, se a mente faz pressão sobre o corpo, não é igualmente para oprimi-lo na dicotomia entre os postulados da *res extensa* e da *res cogitans* cartesianos, mas a mente acaba por fazer da dicotomia um afastamento do corpo, uma distância acerca da afetação que esse gera no sentido de produzir diferenças de sentido. O grande inconsciente do homem, o espaço em que o acesso é restrito e encontrará as resistências do pensamento comum diante da abstração. A mente e o corpo, nessa perspectiva, tomam a escrita nesses furos do real, alucinação à espera de significado, mas do significado como uma compreensão. A escuta desse inconsciente da letra do outro é ainda o desafio de fazer relações, deixar a lógica de uma escrita que tenha outra inscrição na realidade, uma escrita surrealista mais próxima do oculto, que obriga ler para tornar a aparecer, mas dessa vez diferente.

Como, naquela época, eu andava muito interessado em Freud e familiarizado com seus métodos de exame, que tivera oportunidade de empregar em alguns pacientes durante a guerra, decidi obter de mim mesmo o que se tenta obter deles, vale dizer, um monólogo enunciado o mais depressa possível, sobre o qual o espírito crítico de quem o faz se abstém de emitir qualquer juízo. (BRETON, 1924/2001, p. 37)

E bem perto mesmo podemos começar a sentir as diferenças nos gestos. Incluir as *diferensas* ali e deixar o lúdico fazer efeitos, como uma fala leve, breve, sem ideias metafísicas antecipatórias. Essa diferença que recai sobre os efeitos da mente quando compreende o que vem do corpo, quando o corpo pode sair livre desse emaranhamento ante o pensamento, formando o som da palavra. Som que inscreve no mundo sua marca e a partir de então deixa o rastro com o outro que passa a sentir e diferenciar no sentido daquele instante. Sobre o corpo na escritura é o mesmo que nosso querer dizer, de algum jeito, essa fortuita passagem, do *saber* para o *não saber* alguma coisa, passagem do corpo para a escritura cuja “estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento” (DERRIDA, 1967/2001, p. 29).

O desafio do inteligível na análise literária continua sendo o psicossomático, tal como ainda o é para a psicanálise, ao traçar o modo de arquivamento que seja suficiente entre o corpo e a mente e indagar quando esta se torna insuportável para aquele que deseja saber algo

de si, passando, então, a desejar, mas não por uma falta psíquica, nos moldes lacanianos de um significante que dê conta do sujeito: antes, é pelo modo mesmo do desejar sem dependência de uma suplência. O significante seria somente assim a marca que se acreditou dada na linguagem. A falência do corpo é também a falência da vida, testemunhas de um mundo que não aceita o outro na ranhura da emoção descompensada, do ter de aprender a fazer de outro jeito, na *diferença* mesma de uma necessária letra dentro de uma letra, arquiteceto que não se contempla na prontidão de uma palavra como sujeito ou objeto.

Sobre esse desafio de estar no mundo é que a filosofia passa a indagar uma existência que se arruinou com a tristeza deixada pela marca de uma era que apaga seus vestígios. Walter Benjamin olha com clareza a marca do trauma, em um mundo em que as pessoas estão destruídas, gerações desconectadas de sentido pela predileção à imagem, “pois qual é o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais se vincula a nós?” (BENJAMIN, 1933/1994, p. 115). Olhar de um triste desamparo de todo aquele que fechado sobre si não permite a passagem ao outro, restam os restos de uma cultura em que a ética do dizer não se alia a ética de dizer com o outro, monocentrismo da fala. É essa morte da experiência, esta sim, tão cara ao trabalho de psicanalítico, teatro da gestualidade, cujo momento mesmo se coaduna em uma poética do suspiro sem fôlego novo. Gramática das repetições, onde técnicas e manuais, mais formas de mapear por completo e nos mínimos detalhes, excluem os rastros. É a máquina que novamente deita no sossego de seus articulistas, permitindo que os desenhos retos se tornem humanos. Um novo homem que surge daí, homem que não será mais representado pelo ideal de transparência e semelhança, mas reduzido a um traço reto, espaço em que a troca foi excluída. Mundo da dupla exclusão: adequado ao externo, não é capaz de ouvir a voz interna, excluindo também o que o mundo do outro tem a oferecer. Para vencer essa indigestão na arte como representação, de um corpo que não se reduz a corpo, é que a arte deve encontrar-se na *diferença* do gesto do outro.

Referências

BENNINGTON, Geoffrey. Derridabase. In: BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas vol. 1*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRETON, André. Manifesto do Surrealismo. In: *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FREUD, Sigmund. Tratamento Psíquico (ou mental). In: STRACHEY, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo. In: STRACHEY, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: STRACHEY, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Conferência XIX: Resistência e Repressão. In: STRACHEY, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'. In: STRACHEY, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MCDUGALL, Joyce. *Teatros do Corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

STEIN, Ernildo. A psicanálise e a porta dos fundos da filosofia. In: *Anamnese: a filosofia e o retorno do reprimido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.